

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

79

INSCRIÇÕES N.ºs 356-358



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2005

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA



LIGA DE AMIGOS DE CONIMBRIGA

GRAFITOS OFICINAIS SOBRE TALHAS, DE CONIMBRIGA

A

Os fragmentos de talha foram recolhidos em escavações levadas a cabo em 1995 na cave sob o peristilo central da Casa dos Repuxos, em Conimbriga. A bibliografia sobre este contexto é longa e parcialmente controversa¹.

As escavações tiveram lugar nos sedimentos conservados sobre os restos das canalizações localizadas e conservadas durante as escavações sob os mosaicos, nos anos de 1950²: a construção dos canteiros e do tanque central constituem, portanto, *terminus ante quem* para o material aí recolhido, que não deve ter sido posteriormente perturbado.

¹ DGEMN, 1964: *Ruínas de Conimbriga. Consolidação de Mosaicos* (Lisboa, M.O.P., Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais 116). ALARCÃO, Jorge de e ETIENNE, Robert, 1981: “Les jardins à Conimbriga (Portugal)”. In *Ancient Roman Gardens* (Dumbarton Oaks, Harvard University, Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture), p. 69-80. OLEIRO, João Manuel Bairrão, 1992: *Conimbriga. Casa dos repuxos* (Conimbriga, Museu Monográfico, Corpus dos mosaicos romanos de Portugal, I). ALARCÃO, Adília Moutinho e CORREIA, Virgílio Hipólito, 1992: “Os materiais e o edifício”. In OLEIRO, João Manuel Bairrão, 1992: *Conimbriga. Casa dos repuxos* (Conimbriga, Museu Monográfico, Corpus dos mosaicos romanos de Portugal, I). MORAND, Isabelle, 1996: “A propos de la Maison aux Jets d’Eau (Conimbriga, Portugal). Architecture et mosaïque”. *Revue des Études Anciennes* 98 (1-2), p. 207-222. CORREIA, Virgílio Hipólito, 1997: “Nouvelles Recherches à Conimbriga”. In ETIENNE, Robert e MAYET, Françoise (ed.), *Itinéraires Lusitaniens. Trente années de collaboration archéologique luso-française* (Paris, De Boccard). CORREIA, Virgílio Hipólito, 1999: “Desenvolvimentos recentes da investigação arqueológica em Conimbriga”. In Alvarez Palenzuela, V. (ed.), *Jornadas de Cultura Hispano Portuguesa* (Madrid, Un. Autónoma), 11-32.

² Cf. DGEMN, *op. cit.* n. 1, fig. 9.

Propomos portanto uma datação na primeira metade do séc. II, considerando que estratos nas mesmas condições de jazida, localizados numa divisão vizinha, incluíam materiais numismáticos de Cláudio a Adriano³.

O exemplar pertence ao grupo das talhas produzidas em argila de Pombal-Barracão, pelo que se lhes pode apontar uma cronologia do séc. I d.C. Estas peças distribuem-se na estratigrafia de Conimbriga desde a construção augustana do fórum original até datas tardias, mas existe uma significativa concentração nos estratos correspondentes à remodelação flaviana do mesmo fórum, sendo residuais todas as ocorrências posteriores ao séc. II, ainda que o tipo Fouilles V 304, de que a peça se aproxima, se deva considerar de muito larga produção⁴.

Os fragmentos adjacentes que foram recuperados correspondem a uma talha de ombro arredondado, de bordo arqueado, revirado para fora, de lábio horizontal. Pasta de cor creme-alaranjada na superfície, cinzenta na secção, depurada, com elementos não plásticos de quartzo e micas, bem calibrados. Sobre o ombro, duas linhas torneadas enquadram um meandro. A peça foi alvo de uma reparação antiga, de que sobrevivem os furos para os gatos.

Um pouco acima da faixa decorativa (que não parece ter sido vista como linha auxiliar), conservam-se três letras: ...VGI.

Não se encontra em Conimbriga⁵ pista para identificar o antropónimo por detrás deste genitivo, e parece-nos ocioso pesquisar fora do âmbito da cidade.

B

O fragmento cerâmico provém das escavações antigas de Conimbriga, sem qualquer referência. Foi recentemente localizada nas reservas, em trabalhos de inventariação levados a cabo com a colaboração

³ Cf. Alarcão e Correia, *op. cit.* n. 1, p.153-154.

⁴ ALARCÃO, Jorge de, 1974: *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga* (Coimbra, Faculdade de Letras, Suplementos de Biblos 8) [=ALARCÃO, Jorge de, 1975: *Fouilles de Conimbriga V, La céramique commune locale et régionale* (Paris, De Boccard); =Fouilles V], 149-167.

⁵ Cf. ETIENNE, Robert, FABRE, Georges, e LÉVÊQUE, Pierre e Monique, 1976: *Fouilles de Conimbriga II, Épigraphie et sculpture* (Paris, De Boccard) [=Fouilles II], *indices*.

de alunos do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁶.

Não existindo contexto datante, assinala-se que a peça é tipologicamente idêntica a Fouilles V 327⁷, de contexto claudiano, o que condiz com a cronologia do grupo de talhas produzidas em argila de Pombal-Barracão, como a peça seguinte, que documenta o mesmo nome.

Uma cronologia de meados do séc. I pode, portanto, ser apontada com segurança.

O fragmento corresponde a parte do ombro e pança de uma talha produzida em argila alaranjada quartzítica. A pasta avermelhada nas superfícies, mais clara no cerne, pouco depurada, com muitos grãos de quartzo de grande granulometria. A superfície, alisada, apresenta duas linhas torneadas, entre as quais se desenhou um meandro. O fragmento mede 16,5x22cm, a sua espessura é de 2 cm.

Ligeiramente acima da faixa decorada encontra-se o vestígio de uma inscrição onde se lê:

...CALANO...

Trata-se de uma inscrição fruste, baseada em nexos, formando quase uma sigla.

Devemos interpretá-la como uma grafia (L *pro* LL) alternativa do gentílico derivado de *Callanus*, que está na base da expressão encontrada pela primeira vez na inscrição seguinte, sujeita às dificuldades expressas *infra*.

C

O fragmento cerâmico provém das escavações antigas de Conimbriga, estando marcado com a simples referência “Zona E”⁸, o que não aduz qualquer precisão contextual. Foi, tal como o fragmento anterior, recentemente localizado nas reservas, em trabalhos de inventariação

⁶ Colaboração estabelecida no âmbito de cadeiras leccionadas pela Prof. Doutora Raquel Vilaça. O grupo era constituído por Nádía Figueira, Teresa Pedro e Sónia Bombico. Colaborou neste trabalho Ida dos Santos Buraca, estagiária no Museu Monográfico de Conimbriga, a quem agradecemos, em especial a feitura dos desenhos das peças.

⁷ Cf. *supra*, n. 4.

⁸ Porventura a área de Conimbriga de cuja escavação menos se sabe. Cf. CORREIA, Virgílio Hipólito, 1994: “O anfiteatro de Conimbriga. Notícia preliminar”. In *El anfiteatro en la Hispania romana* (Mérida, Junta de Extremadura) p. 327-345.

levados a cabo com a colaboração de alunos do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁹.

O exemplar pertence ao grupo das talhas produzidas em argila de Pombal-Barracão, pelo que se lhe pode apontar uma cronologia do séc. I d. C. A molduração do bordo aconselha a sua associação ao tipo Fouilles IV 294. Estas peças distribuem-se na estratigrafia de Conimbriga desde a construção augustana do fórum original até datas tardias, mas concentram-se nos estratos correspondentes à remodelação flaviana do monumento; o tipo 294 deve considerar-se propriamente flaviano¹⁰.

O bordo é arqueado e muito revirado, apresentando uma ligeira molduração na faceta exterior, que tem 2,5 cm, o ombro é arredondado indicando uma pança ovoidal. A pasta é alaranjada na superfície e cinzenta na secção (2,3 cm de espessura), sendo depurada, com poucos elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspatos e micas. A superfície é bem alisada. O diâmetro da boca seria de cerca de 40 cm. O fragmento tem actualmente 10 x 12,5 cm.

Sobre o ombro uma linha torneada serviu de guia para a inscrição, traçada sobre a pasta fresca, que parcialmente a cortou (as letras oscilam entre 23 e 26 mm de altura). Perderam-se as extremidades da inscrição conservando-se apenas

...]IS CALLANOR[...

O *ductus* é bom, mas cursivo, em especial os AA, o que se faz notar, por exemplo, no nexa AN.

A reconstituição do grafito é problemática, designadamente pela dificuldade de reconstituir a primeira palavra, conservada apenas nas duas últimas letras. Não devemos estar perante um patronímico em genitivo solicitando o subentendimento de *filius*. Na epigrafia oficial de Conimbriga existem apenas dois casos de menção da filiação do presumível oleiro, e em ambos se escreveu F. a seguir.

A seguir, impõe-se restituir *Callanor(um)*. O nome pessoal *Callanus*, que pertence sem dúvida ao grupo de antropónimos peninsulares derivados do radical Kal⁻¹¹, é aqui documentado pela primeira vez. O único paralelo em Conimbriga para uma formação deste género encontra-se numa inscrição votiva que menciona os *Dovilonicor(um)*¹².

⁹ *Supra*, n. 6.

¹⁰ Cf. *supra*, n. 4.

¹¹ ALBERTOS, M^a Lourdes, 1966: *La onomástica personal primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética* (Salamanca, Universidad), p. 72.

¹² Fouilles II, nº 11.

Interpretação

Os *dolia* são o instrumento de produção local ou regional privilegiado para o armazenamento, transporte e distribuição do azeite produzido no território da cidade, considerada a escassez de ânforas oleárias que se documenta em Conimbriga¹³.

Parte da produção local de azeite poderia integrar os circuitos comerciais, de mais longo alcance e de maior volume, centrados no vale do Guadalquivir¹⁴, que se intensificam notavelmente a partir do início do séc. II, mas cuja existência anterior devemos tomar como segura¹⁵. O desenvolvimento precoce de uma cultura de rendimento como a da oliveira tenderia a favorecer, senão a produzir directamente, a divulgação a montante na fileira económica – mesmo fora das zonas de exploração mais intensa – dos mecanismos jurídicos do abastecimento anónimo e de intendência das legiões e das suas figuras jurídicas¹⁶, o que poderia ter acontecido antes mesmo da forte intensificação da exploração imperial na Bética, a partir do séc II.

Dentro destas premissas, é adequado procurar na epigrafia anfórica da Bética¹⁷ os modelos de interpretação do grafito, apesar do

¹³ ALARCÃO, Jorge de, DELGADO, Manuela, MAYET, Françoise, ALARCÃO, Adília Moutinho e Ponte, Salette da, 1976: *Fouilles de Conimbriga VI, Céramiques diverses et verres* (Paris, De Boccard), [=Fouilles VI], p. 79.

¹⁴ Sendo oportuno trazer à colação a personalidade de *M. Cassius Sempronianus*. Cf. GONZÁLEZ Fernández, J., 1983: “Nueva inscripción de un *diffusor olearius* en la Bética”. *Producción y comercio del aceite en la Antigüedad* (Madrid, Un. Complutense, 2º Cong. Int.), 183-191; LOYZANCE, Marie-France, 1988: “A propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, *diffusor olearius*”. In *Hommage à Robert Étienne* (Paris, De Boccard, Pub. C. Pierre Paris 17), 273-284.

¹⁵ MATTINGLY, D. J., 1988: “Oil for export? A comparison of Libyan, Spanish and Tunisian olive oil production in the Roman Empire”. *Journal of Roman Archaeology*, 1, 33-56; cit. p. 53.

¹⁶ SÁEZ Fernández, P. e CHIC García, G., 1983: “La epigrafía de las ánforas olearias béticas como posible fuente para el estudio del colonato en la Bética”. *Producción y comercio del aceite en la Antigüedad* (Madrid, Un. Complutense, 2º Cong. Int.), 193-210, cit. p. 200. LE ROUX, Patrick, 1988: “L’huile de Bétique et le Prince sur un itinéraire annonaire”. In *Hommage à Robert Étienne* (Paris, De Boccard, Pub. C. Pierre Paris 17), 247-271.

¹⁷ Confrontámos, para além das referências clássicas, CHIC García, Genaro, 1985: *Epigrafía anfórica de la Bética, I. Las marcas impresas en el barro sobre ánforas olearias* (*Dressel 19, 20 y 23*), (Sevilla, Universidad); REMESAL Rodríguez, 1986: *La Annona Militaris y la exportación de aceite bético a Germania* (Madrid, editor?); e MAYET, Françoise, 1988: “Les *figlinae* dans les marques d’amphores Dressel 20 de Bétique”. In *Hommage à Robert Étienne* (Paris, De Boccard, Pub. C. Pierre Paris 17), 285-305.

relativo anacronismo em que se incorre. Encontramos três exemplos que consideramos significativos:

- i) L. AVGGGNNN C(*onductoris vel uratoris*) OLEARI F(*iglinae*) BAR(...)¹⁸
- ii) F(*undus vel iglina*) SCIMNIANO(*rum*)¹⁹
- iii) L. Q V C(*onductoris vel uratoris*) VIR(*ginensia*)²⁰

A primeira destas inscrições, a mais explícita, dá uma base de restituição da sintaxe da marca aposta numa ânfora oleária mencionando o responsável pela sua produção. A segunda demonstra uma elipse possível, mencionando-se apenas a estrutura de produção, através do nome do seu proprietário em ablativo/locativo. A terceira menciona uma elipse diferente mencionando-se apenas o responsável pela produção e o nome da estrutura produtiva, sem referência a que tipo de estrutura é essa²¹.

A restituição C(*onductoris*) parece ser mais bem aceite pela crítica frente a outras restituições possíveis²². Pareceria deslocado restituir C(*uratoris*) num grafito relativo a matéria de diminuta importância, mas a referência à possível *gentilitas* dos *Callanorum* poderia recomendar precisamente essa reconstituição²³.

Parece-nos em qualquer caso impor-se subentender *fundus*, como a realidade objectiva a que a produção do vaso (ou do produto que ele conteve) está ligada²⁴.

É, portanto, logicamente possível interpretar o grafito de Conimbriga como (*curator*)is (*fundus*) *Callanor(um)*, o que levanta algumas hipóteses de interesse²⁵.

¹⁸ CIL XV 2560. Cf. Chic *op. cit.* n. 17; Remesal, *id.* n.º 50; Mayet *ibid.* p. 293.

¹⁹ Chic *op. cit.* n. 17; Remesal, *id.* n.º 251; Mayet *ibid.* p. 296.

²⁰ CIL XV 3213. Cf. Chic *op. cit.* n. 17; Remesal, *id.* n.º 267; Mayet *ibid.* p. 297.

²¹ Sobre a problemática *fundus/figlina*, cf. Mayet, *op. cit.* n. 17, p. 300.

²² MANACORDA, Daniele, 1977: “Il *Kalendarium Vegetianum* e le anfore della Bética”. *Mélanges de l'École Française de Rome — Antiquité*, 89-1, 313-332.

²³ Cf. DAREMBERG, C. e SAGLIO, E. 1904: *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* (Paris, Hachette); s.v. *cura* (T. I, P. II, p. 1611-1617), *curator* (T. I, P. II, p. 1617-1625), *locatio condutio* (T. III, P. II, p. 1286-1292). Sobre a escolha: Mayet, *op. cit.* n. 17, p. 300-301.

²⁴ PEYRAS, Jean, 1975: “Le Fundus Aufidianus: étude d'un grand domaine romain de la région de Mateur (Tunisie du Nord)”. *Antiquités Africaines*, 9, 181-222. Sobre a ausência de atestação epigráfica de *figlina* antes de meados do séc. II, Mayet *op. cit.* n. 17, p. 304.

²⁵ Algo que se desenvolveu com mais pormenor em CORREIA, Virgílio Hipólito, 2004: “Os oleiros de Conimbriga”. *Conimbriga* XLIII, p. 215-226.

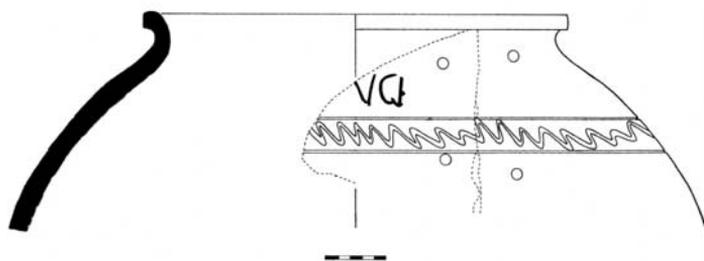
Com estes achados ficam documentados em Conimbriga dez oleiros diferentes trabalhando em cerâmica utilitária; destes, cinco produziram *dolia* (Cf. Fouilles II 330=V 294, *Brutti*; Fouilles II 331=V p. 157 n° 13, *Cilia*; Fouilles II 337a=V p. 158, n° 20, *Maelo*). Que neste contexto se tenha levado a cabo a produção organizada dentro de propriedades ligadas a estruturas gentilícias sob a fórmula jurídica da *locatio conductio* ou, mais provavelmente, da *cura*, necessita de análise que não cabe na presente notícia.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA



H. Rendeiro/Arquivo MMC

356 A

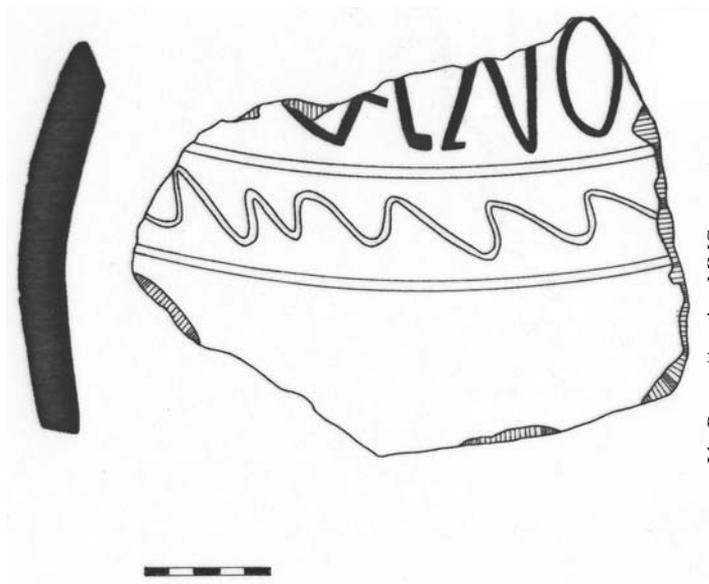


Ida Buraca/Arquivo MMC



H. Rendeiro/Arquivo MMC

356 B

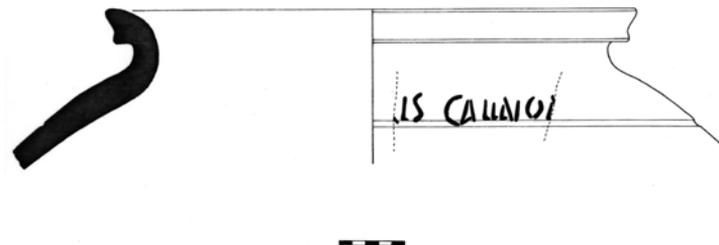


Ida Buraca/Arquivo MMC



H. Rendeiro/Arquivo MMC

356 C



Ida Buraca/Arquivo MMC

UM FRAGMENTO DE ABECEDÁRIO DE CONIMBRIGA

Este fragmento de tijolo inscrito foi encontrado na posição que originalmente ocupou na construção de um canteiro, no peristilo C24 da Casa atribuída a Cantaber¹. A construção da casa parece poder ser atribuída a datas flavianas, sendo o ordenamento do peristilo lobulado fruto de uma remodelação algo mais tardia que a construção da casa, mas ainda plenamente dentro da época fundamental de construção e decoração da grande residência². Não parece adequado apontar uma datação posterior aos meados do séc. II.

Trata-se de um fragmento de tijolo com 15 x 11,5 cm. A espessura é de 6 cm. As dimensões originais poderiam ser de cerca de 22 x 22 cm, como mínimo (Rectangular tipo C ou Quadrangular tipo B³).

O campo epigráfico era constituído pela face original do tijolo, relativamente irregular, talvez dividido a meio por um traço vertical.

Da inscrição conservam-se duas linhas, alinhadas à esquerda, começando a cerca de um centímetro do traço central. A altura média das letras é de 15 mm e o espaço interlinear está próximo dos 8 mm.

MNO
PQR

Seguindo a nossa leitura, que o estado de conservação das superfícies da peça dificulta e a fotografia documenta em más condições, a

¹ Correia, Virgílio Hipólito, 2001: “Conimbriga, Casa atribuída a Cantaber. Trabalhos arqueológicos 1995-1998”. *Conimbriga* XL, 83-140. Cit. p. 111-112.

² Correia, *loc. cit.*, p. 123.

³ Triães, Ricardo, Correia, Virgílio Hipólito e Coroado, João, 2002: “A utilização dos materiais cerâmicos de construção em Conimbriga”. *Conimbriga* XLI, p. 153-164. Cit. p. 159.

interpretação proposta é de que se trata de um abecedário distribuído por duas colunas a três letras por linha, colocadas a ambos os lados de uma linha orientadora central, compreendendo três linhas por coluna.

No que diz respeito à paleografia, refira-se que o M é irregular, com a primeira haste vertical e a última oblíqua; o N é idêntico, as suas segunda e terceira hastes foram traçadas como as centrais do M – dois traços seguidos, ligados, ligeiramente curvilíneos e com um pequeno segmento comum na parte inferior; o O é desenhado por dois segmentos curvos contrapostos; o P é inepto, com a parte superior recta e aberta; o Q é traçado como o O e, no mesmo traço do fecho, desenhou-se o seu apêndice; o R é infelizmente de difícil análise devido à irregularidade do suporte neste ponto.

Este exercício de escrita é mais um exemplo dos muito interessantes *ludi* conhecidos na cidade, que cobrem uma vasta gama de exercícios intelectuais. Deles, o mais conhecido é indubitavelmente o quadrado mágico⁴, mas a popularidade deste tipo de entretenimento chegava mesmo aos iletrados, como parece demonstrar a inscrição assignificante sobre um tijolo⁵, que demonstra todavia uma correcta concepção de *ordinatio*.

O presente exercício escolar (?) inscreve-se a meio caminho entre o mero artifício gráfico e o palíndromo, mas sobretudo reforça o elemento paradoxal da reiterada ocorrência de evidências de uma literacia frequente nos meios oficinais, inclusive operários, da indústria de materiais cerâmicos de construção⁶. É óbvio que a própria natureza dos suportes oferece a estes materiais uma taxa de sobrevivência dos documentos muitíssimo superior a qualquer outra classe de documentação, mas este fenómeno post-deposicional não ofusca o fenómeno socio-cultural de base, que continua a merecer atenção.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

⁴ Etienne, Robert, Fabre, Georges e Lévêque, Pierre e Monique, 1976: *Fouilles de Conimbriga II Epigraphie et Sculpture* (Paris, De Boccard); n° 372, p. 168-170. Etienne, Robert, 1978: «Le 'carré magique' à Conimbriga». *Conimbriga* XVII, 15-34.

⁵ Etienne *et al.*, *loc. cit.*; n° 371, p. 167.

⁶ Fabre, Georges, 1974: «A propos d'une inscription sur brique inédite de Conimbriga». *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, MEN), p. 191-200.



H. Rendeiro/Arquivo MMC

357



Reconstrução conjectural do alfabetário

CUPA ANEPÍGRAFA DE TREVÕES

Cupa encontrada, em 1964, durante os trabalhos de abertura de uma vala para canalização de água no largo da Devesa, freguesia de Trevões, concelho de S. João da Pesqueira (Região Demarcada do Douro).

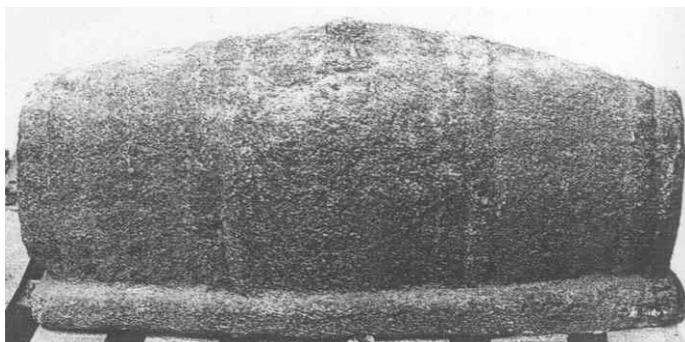
Encontrava-se a cerca de um metro de profundidade, com orientação norte-sul, acompanhada, segundo testemunhas oculares, de «bilhas e pratos de barro». Os trabalhadores da Junta de Freguesia que realizavam a obra decidiram levá-la para a Adega Cooperativa de Trevões, dada a natural associação ao vinho, tendo aí ficado depositada ao ar livre, em cima de um muro, até 2001; nesse mesmo ano foi doada à Associação Cultural de Trevões, transitando para o Museu Paroquial de Trevões. Presentemente, encontra-se em exposição no Museu de S. João da Pesqueira.

De granito de grão grosso, apresenta-se em forma de pipa, toscamente esculpida, com um traçado oblongo e desproporcionado. O dorso é pouco alisado, não tendo qualquer vestígio de inscrição ou campo epigráfico. Contém oito aros de aduelas representados de forma saliente e divididos por um sulco, agrupados em quatro conjuntos (nas extremidades e no dorso, a espaços sensivelmente equidistantes). Na parte superior foi esculpido o batoque, redondo e saliente. Os tampos são lisos e não rebaixados. Não tem qualquer tipo de decoração; apresenta, contudo, vestígios de tinta vermelha na zona respeitante às aduelas, aplicada já depois de ter sido encontrada (foi também, na mesma época, pintada de preto na zona dos aros). Assenta em base de forma ovalada, acompanhando a forma e dimensões do “tonel”, embora ligeiramente mais larga, particularmente nas extremidades. A base está fracturada numa das extremidades.

Dimensões totais (incluindo a base): 37,5 cm de altura (batoque), 39,5 de largura (base) e 87,1 de comprimento.

Do período romano (século I-III d. C.), não é uma peça comum no Norte de Portugal. Quer-nos parecer que este achado e outros anteriores de que há notícia¹ justificariam intervenção arqueológica em Trevões (o que, até à data, nunca se verificou).

CARLA SEQUEIRA
NATÁLIA FAUVRELLE



358

¹ Cf. a este respeito, FAUVRELLE, Natália; SEQUEIRA, Carla – *Trevões: História e Património*. Lamego: Beira Douro/ Paróquia de Trevões / Associação Cultural e Recreativa de Trevões / Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, 2001, p. 94-95.